

LITERATURA INFANTIL: A PERSPECTIVA DA LEITURA POR DELEITE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dacielle Antunes Santos¹

Delcimara Santos Aranha²

Sandra Alves de Oliveira³

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar atividades do projeto de intervenção experienciadas no estágio supervisionado na turma do 4º período da educação infantil, na Escola Municipal Rômulo Almeida, realizado no segundo semestre de 2014, no período de 24 de novembro a 05 de dezembro. Relato proposto pela professora do componente curricular Processos de Alfabetização, do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O foco deste relato é a contação de histórias, uma atividade de vivência lúdica, simplesmente por deleite, o puro prazer de ouvir uma boa narrativa e se deliciar com o enredo, os personagens, pois para a criança da educação infantil esse momento é bem significativo para o seu desenvolvimento numa perspectiva cognitiva, social, afetiva, criativa, imaginativa e psicológica. Desse modo, durante a regência montamos um cantinho da leitura, com livros diversificados, com o propósito da leitura por deleite. A metodologia pautou-se em um período de observação coparticipativa. Em seguida anotações reflexivas no diário de campo foram realizadas para posteriores averiguações. Logo após, ocorreu o momento de regência, a experiência formativa. Ademais, em um processo de ação-reflexão-ação favoreceu um espaço de diálogo, construção e reflexão da prática docente. Para embasamento teórico desta proposta de intervenção pautamos nos estudos de Bernardino e Souza, no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), dentre outros. Nesse contexto, verifica-se a importância do estágio supervisionado, uma vez que oportuniza o graduando o contato com a prática pedagógica a fim de experienciar no campo de atuação a teoria apreendida em sala de aula da academia.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Leitura por deleite. Experiência formativa.

¹Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. Bolsista de Iniciação à Docência do subprojeto “Laboratório de Práticas Pedagógicas” do PIBID/UNEB/*Campus XII*. E-mail: daciellesantos@hotmail.com

²Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. Bolsista de Iniciação à Docência do subprojeto “Laboratório de Práticas Pedagógicas” do PIBID/UNEB/*Campus XII*. E-mail: delgbi2011@hotmail.com

³Profa. Ma. Sandra Alves de Oliveira – Departamento de Educação de Guanambi-Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE). Coordenadora de área do subprojeto “Laboratório de Práticas Pedagógicas” – PIBID/UNEB/*CAMPUS XII*. Professora da Educação Básica do Colégio Municipal Aurelino José de Oliveira (Candiba-BA). E-mail: saoliveira@uneb.br

1 Introdução

A presença da literatura infanto-juvenil nas salas de aulas tem sido utilizada como instrumento avaliativo, simplesmente para trabalhar conteúdos. Assim, a obrigatoriedade de ler um livro com data determinada para seu fim e logo após, entregar um resumo ou resenha para o professor como tarefa a cumprir, provoca no estudante o desprazer pela leitura. Ao invés de despertar o gosto pela leitura ocorre o contrário, a sua total aversão. Para Souza e Bernardino (2011, p. 236), “o fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno”.

Nesse sentido, incorporar a literatura infanto-juvenil por simples prazer, deleite ou encantamento desde a educação infantil por meio da contação de histórias, uma experiência lúdica, torna-se imprescindível. Assim sendo, de maneira positiva a leitura será introduzida para a apreciação e formação de futuros leitores críticos.

Falta qualificação ao professor para trabalhar a literatura infanto-juvenil. E muitas das vezes, ele não é um leitor assíduo, não conhece a literatura e há casos em que o acervo da biblioteca é insuficiente. No entanto, há bibliotecas com rico acervo que não são utilizados com a justificativa que a criança irá destruir o livro.

Na educação infantil a criança necessita de momentos de vivência lúdica, como a contação de histórias apenas por deleite, pois a fase em que se encontram deve ser considerada, propiciando atividades com estímulos à imaginação e a criatividade. Deste modo, é essencial na prática docente dedicar-se a métodos pedagógicos que desenvolvam o imaginar, sendo o reconto dos contos infantis um desses recursos.

A partir da observação diagnóstica e investigativa e coparticipação realizada na sala do 4º período da Escola Municipal Rômulo Almeida, situada em Guanambi, Estado da Bahia, no turno matutino, notamos que os estudantes não tinham acesso aos livros infantis, em nenhum momento foram à biblioteca. Nas duas semanas de observação, a professora regente leu uma história para eles e depois houve o registro pictográfico desta. No canto da sala havia um tapete com almofadas, nada convidativo, onde se sentavam para ouvir a narrativa, poucos prestavam atenção.

Nessa perspectiva, elaboramos uma proposta de construção do cantinho da leitura, com diversificados livros infantis e a contação de uma história diária simplesmente por deleite. O foco do nosso projeto de intervenção foi o eixo Natureza e Sociedade: meios de transportes e sinais de trânsito, no entanto com destaque para o tempo de contação de

histórias. Por meio do emprego desse artifício na prática, as aulas tornam-se mais dinâmicas, promovendo a interação, atenção e participação da turma. Assim sendo, percebe-se a importância desse momento lúdico na educação infantil, fonte de prazer e conhecimento.

Em função da importância que a literatura exerce na vida das crianças é fundamental que os professores insiram esta arte na sua prática docente, uma vez que a literatura deleite pode ser um instrumento valioso para formar leitores. Por conseguinte, capacitar professores para a utilização da ficção dentro da sala de aula sem fins conteudistas torna-se essencial.

Nesse contexto, percebe-se que trabalhar a literatura para formar leitores não é somente escolher um livro aleatoriamente. É ir além, buscar uma relação prazerosa e boa com a ficção. A criação na sala de um ambiente enriquecido com estímulos, como o cantinho da leitura com uma variedade enorme de livros e permitir o contato das crianças com as obras, assim como o envolvimento da família também é bem significativo. Para tanto, alguns detalhes fazem diferença, tais como: o aluno escolher o livro que vai ler; a qualidade dos livros; sem prazos para o fim da leitura; conversar sobre o livro é essencial e não uma discussão superficial, falar desde a história daquela obra até o formato do livro e a releitura do livro também é importante.

O projeto em questão de leitura por deleite na sala do 4º período da educação infantil do Rômulo Almeida teve como objetivo geral possibilitar o acesso à literatura infanto-juvenil mediada pela leitura dos clássicos da literatura, de forma dinâmica e lúdica, sem a pretensão de trabalhar conteúdos na educação infantil. E por objetivos específicos aguçar o interesse pela literatura infantil na educação infantil; possibilitar a aprendizagem por meio do reconto de histórias; utilizar a literatura infanto-juvenil como ferramenta lúdica de aprendizagem.

2 A literatura na educação infantil: o despertar da imaginação

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e se caracteriza como um espaço de socialização, em que se busca potencializar crianças de 0 a 5 anos a desenvolverem habilidades como identidade e autonomia, entre outras. Desse modo, exige-se um trabalho pedagógico sistematicamente planejado para atender a uma finalidade específica, que é o desenvolvimento da criança em seus diversos aspectos.

Nas políticas públicas, tem-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 que traz a educação infantil como parte inicial da educação básica e diz no art. 29: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Ao especificar a finalidade dessa etapa da educação, percebe-se que esta não objetiva a escolarização, mas um desenvolvimento pleno da criança. É de fundamental importância enfatizar a responsabilidade conjunta proposta na Lei nº 9.394/96, pois além da escola é papel da família e da comunidade em que a criança está inserida, colaborar no seu processo de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a criança deve ser o núcleo da atividade pedagógica, considerando que ela cria representação a todo o momento e que as atividades propostas devem reconhecê-la como um ser em constante desenvolvimento e que para isso, faz-se necessário que o professor seja um mediador capaz de problematizar a realidade, fazendo com que elas pensem criticamente para desse modo, confirmar ou refutar situações da realidade cultural ao qual está inserida.

Portanto, a experiência do estágio supervisionado na educação infantil instituiu-se como um momento que permitiu ao licenciando o contato com toda essa dinâmica que permeia o âmbito escolar. Ademais, o processo de regência durante o estágio consente em vivenciar a docência antes da formação. Nesse sentido, “é, portanto, no exercício da docência que o professor se objetiva, se constrói e participa da construção do processo educacional da sociedade na qual esse está inserido.” (AZZI, 2012, p. 46).

A turma da educação infantil que fizemos nossas intervenções era constituída por 20 alunos matriculados, sendo sete meninos e treze meninas, todos residentes na Zona Rural do município de Guanambi-BA. A regência iniciou no dia 24 de novembro 2014 e se estendeu até cinco de dezembro do mesmo ano. Durante essas duas semanas de docência experienciamos a contação de história como atividade lúdica de aprendizagem, por simples deleite. Começamos timidamente lendo a história Gato pra cá Rato pra lá, à medida que a história ia sendo narrada percebíamos o entusiasmo das crianças, ficavam maravilhadas, em silêncio prestavam atenção. Às vezes, ouvíamos: “tia não consigo ver o desenho, deixa ver”. Nesse sentido, o RCNEI salienta:

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita. (BRASIL, 1998, p.135)

Nessa conjectura, observamos a importância das ilustrações para que haja interesse da criança pela narrativa, uma vez que nessa faixa etária dos quatro anos, as crianças preferem os

livros bem coloridos e com desenhos atrativos. Por meio das imagens vão construindo a história dentro de si.

A partir dessa perspectiva, preocupamos a cada dia levar um jeito diferente de contar as histórias para as crianças, com preocupação com a entonação da voz, a expressão facial, as imagens, os recursos, dentre outros. Empolgadas com o sucesso de nossa proposta pensávamos em histórias que seriam capazes de despertar a imaginação e encantamento. No terceiro dia de leitura deleite, além do livro da história “A ovelha rosa da dona Rosa” (figura 1) com suas ilustrações bem coloridas, representamos os personagens por meio dos fantoches. Assim provocou um interesse maior pelo conto.

Figura 1 - Contação da história “A ovelha rosa da dona Rosa” com fantoches



Fonte: Imagem do acervo das estagiárias

Outras estratégias foram empregadas, tais como: o avental de histórias com fantoches: historietas “E o dente ainda doía”; dramatização do conto “Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mal” pelas estagiárias que se vestiram a caráter; dramatização da história “Camilão o Comilão” com a participação dos alunos fantasiados com as máscaras dos personagens encenaram a história; com a história “Os Sete Cabritinhos” também utilizamos fantoches; e para contar a história dos “Três Porquinhos” usamos o flanelógrafo.

Como resultado, logo no primeiro dia de regência ao término da história Gato pra cá Rato pra lá fomos surpreendidas pelas crianças, elas se propuseram a recontar a história. A partir dessa experiência apreendemos que “se elas escutam histórias desde pequeninas, provavelmente adquirem gosto por esse tipo de atividade. A história alimenta a emoção e a imaginação”. (COSTA, 2005, p. 90).

E foram além, cada uma escolheu um livro no cantinho de leitura para contar aos colegas. Se as estagiárias não intervissem dava confusão, pois todos queriam ler ao mesmo tempo. A disputa para ver quem começava era acirrada. Compreendemos o processo que a criança realiza da leitura de imagens e como ela realiza a pseudoleitura, seja por meio das gravuras, do que ela conhece da narrativa, seja por sua imaginação. Ela vai recriando uma nova história.

É importante ressaltar que não constava na nossa proposta de intervenção inicial essa atividade de contação das histórias pelas crianças e nem o reconto, não tínhamos a noção da importância desse momento para elas e foi algo que aprendemos com os alunos do 4º período da educação infantil da Escola Rômulo Almeida.

3 Cantinho da leitura na turma do 4º período da educação infantil: experiências do estágio supervisionado

Durante as aulas do componente curricular “Pesquisa e Estágio na Educação Infantil”, nas discussões acerca do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), aprendemos sobre a importância da presença dos diversos cantos nas salas de aula da educação infantil, não somente o da leitura, mas o dos brinquedos.

Optamos pela construção do cantinho da leitura durante nossa regência devido à falta de contato que percebemos com o mundo dos livros durante o período de observação coparticipativa, e como a instituição educativa possui uma brinquedoteca não foi preciso construir o canto dos brinquedos. Assim, “cada novo canto, com novos temas e personagens, é um estímulo para a capacidade de criação das crianças e dos educadores. O canto dá oportunidade para interagirmos com as crianças. Dá oportunidade também para que haja interação entre eles”. (SILVA et al., 2005, p.159).

Na perspectiva que as crianças organizam suas hipóteses em seu processo de construção de conhecimento de maneiras diferentes a depender da faixa etária, pois dependem do meio social e da relevância que as práticas sociais de leitura e escrita têm em seu grupo social, construímos o nosso cantinho da leitura. Assim sendo, o professor necessita propiciar ao seu aluno o contato com a literatura infanto-juvenil para serem lidas e apreciadas. De maneira a fomentar o deleite pela leitura de diversos livros, dos mais variados gêneros.

Deste modo, primeiramente conversamos com eles sobre o cantinho, falamos que iríamos construir juntos, explicamos o cuidado referente aos livros. Montamos o cantinho com uma colcha de retalhos para que as crianças pudessem se sentar e colocamos diversos livros para que eles pudessem fazer suas leituras de maneira livre. Levamos livros que tínhamos em casa e pegamos na biblioteca da escola, relatamos para eles sobre os livros da escola para conscientizá-los que naquele espaço também existem muitos livros e podem ser explorados.

Notamos o valor desse momento, percebemos o encantamento pelos livros, o prazer de fazer a leitura das imagens para as crianças. Foi significativo, a todo o momento se deliciavam com as magníficas histórias, pediam para contar da maneira que sabiam, até brigavam. É

necessário que a criança construa seus hábitos de interagir com o mundo da leitura logo cedo, assim podemos ter a certeza que iremos construir futuros leitores, isso com a capacidade de fluir no mundo da imaginação e do conhecimento.

A partir do que propõe o Referencial Nacional para a Educação Infantil organizamos um espaço que favorecesse total contato das crianças com os livros a fim de manuseá-los, folheá-los e lê-los. Como profissionais da educação mediadores diretos da aprendizagem dos alunos que permeiam o universo da educação infantil, a reflexão da prática pedagógica é essencial.

As histórias levaram as crianças a viajar no mundo imaginário com prazer. Na hora do recreio as crianças não saíam para brincar fora da sala, mas brincavam no cantinho o tempo todo. Tivemos resultado positivo, porque percebemos o desenvolvimento, a interação e socialização das crianças com o mundo imaginário. O recontar a história do seu jeito nos mostrou algo essencial que permanece em cada uma delas, o despertar da imaginação e criatividade. Por consequência de nossa ação, a professora regente da turma no próximo ano construirá um espaço de leitura em sala que será permanente, enfim, acreditamos ter atingidos os nossos objetivos.

Portanto, com o propósito de focalizar a dialética como um dos fundamentos dessa proposta almejou fortalecer uma práxis transformadora da realidade, no caminho da libertação e emancipação dos sujeitos (professores e alunos), todos os aprendizes. A fim de favorecer a interação com os livros e formar leitores assíduos ao incentivar as crianças a começarem cedo, nos motivou a criação do cantinho da leitura. Sendo assim, acreditamos que contribuímos de fato, pois o sucesso foi visível, no contato, gesto, olhar, sorriso e aprendizado que proporcionamos as crianças do 4º período da educação infantil da Escola Municipal Rômulo Almeida, com a oportunidade de regência do estágio naquele espaço escolar.

4 Considerações finais

A realização da regência na perspectiva da leitura por deleite e a construção do cantinho da leitura foi enriquecedora para nós enquanto professoras em formação, para os alunos da turma que atuamos e para a professora regente (que refletiu sobre sua prática docente).

Os momentos vivenciados no espaço do canto de leitura e na contação das histórias foram grandiosos para os envolvidos no processo. Contamos com expressiva cooperação, participação e interação da docente, dos alunos do 4º período da educação infantil e demais funcionários da instituição escolar, como a bibliotecária e coordenadora pedagógica. O

desenvolvimento desse projeto de intervenção contribuiu para a compreensão da prática docente e de como ser mediadora da aprendizagem dos alunos na pretensão lúdica.

Com o desenvolvimento da leitura por deleite como atividade lúdica na educação infantil pudemos perceber a importância do contato da criança com o livro, pois “o livro é um dos principais mediadores de uma história. Adultos e crianças devem ter acesso fácil aos livros. Abrir um livro é começar a sonhar, imaginar, associar e elaborar fatos da realidade” (COSTA; MELLO; SILVA, 2005, p. 91).

Percebemos na realização desse projeto a riqueza da contação de histórias para despertá-lo a imaginação e criatividade a cada leitura e também para a interação e socialização das crianças. É importante ler a mesma história diversas vezes para a apreensão das crianças.

No percurso da regência, um momento de experiência formativa, procuramos levar em consideração as singularidades das crianças em seu processo de aprendizagem significativa. E sabendo da necessidade de vivenciar o lúdico nessa etapa do desenvolvimento infantil consideramos trabalhar a leitura por deleite.

Refletir sobre as experiências vivenciadas no processo formativo é uma maneira de pensarmos sobre a práxis docente, conforme a conjectura da ação-reflexão-ação e dos saberes que são construídos no período de formação.

Portanto, tendo em vista as proposições acima, concluímos ter atingido os objetivos propostos ao realizar esses momentos de vivência lúdica para o 4º período da educação infantil.

Referências

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 19 dez 2014.

COSTA, E. Ap. A. da. As histórias de um contador. In: FERREIRA, M. C. R.; MELLO, A. M.; GURI, A. C. (Orgs.). **Os fazeres na educação infantil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, E. A. A. da; MELLO, A. M.; SILVA, L. M. F. Os contos que as caixas contam. In: FERREIRA, M. C. R.; MELLO, A. M.; GURI, A. C. (orgs.). **Os fazeres na educação infantil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, L. M. et al. O canto que conta tanto: a organização de pequenos espaços. In: FERREIRA, M. C. R.; MELLO, A. M.; GURI, A. C. (Orgs.). **Os fazeres na educação infantil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere ET educare -Revista de educação**, Uninove, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.